

## HISTÓRIA DE UM TRABALHADOR

CARLOS ÁVILA OLIVEIRA\*

"Nasci no primeiro distrito na casa de pedra que era da família Leão, perto do Cerrado Pedregulho, no dia 17 de maio de 1924. Daí para frente eu já era mais um admirador da tua beleza, Pinheiro!"

Posso contar a minha história assim: nasci e me criei em tua volta, meus pais sempre te cercaram Pinheiro Machado, até que eles se libertam da escravidão e passaram a morar ao teu lado e ao lado da Cacimba do Camacho (quem não conhece a cacimba?). Ao menos uma das três cacimbas. E me encontro feliz por ter sido adolescente aí, ao teu lado, Pinheiro Machado.

Quando meus pais se libertaram da escravidão foram trabalhar por conta, éramos mais felizes embora tivéssemos alguém atrapalhando – sempre havia um ex-patrão querendo nossos serviços – mas superamos a situação.

No começo foi meio amarrado, nós não tínhamos moradia, fomos despejados pelo compadre Cipriano Couto, que era padrinho da minha irmã e patrão dos meus pais. Lá se vai um de réis<sup>1</sup> e vintém de chapéu na mão<sup>2</sup>.

Havia o fim de um sonho e por ti, Pinheiro Machado, corri de um lado para o outro. Do teu filho enfeitado, o que sobrou foi voltar para trás, mas condições eu sempre vendo e não entendendo mais o que saiu de errado. Vamos parar de rezar. Começamos a plantar e brilhou a luz da felicidade novamente. Passaram a sorrir os dias da semana e nós, tocando a nossa

---

\* Presidente da Associação do Bairro América, aluno do Curso de Alfabetização de Idosos do Núcleo Universitário da Terceira Idade da FURG entre os anos de 2001 a 2003.

<sup>1</sup> 1 de réis: um nada na vida.

<sup>2</sup> Vintém de chapéu na mão: pessoa que pede esmola, em geral, para o patrão.

carreta pela estrada do mundo, nos iluminávamos com o clarão das estrelas.

Mas não paramos por aí, vamos sempre à procura do vintém. Não perdemos a esperança. Vamos fazendo a volta até o Cerro do Cachorro olhando a tua beleza na forma da natureza. Nesses anos que eu entendi a vida era moleque. Veio gafanhoto nos derrotou mais uma vez, não demos por perdido, um dia aqui e outro ali, até que brilhou uma luz na nossa frente.

Compramos uma casa, o tempo passou e eu fui crescendo. Já fui trabalhar de verdureiro e leiteiro até que um dia passei para empregado do mestiço<sup>3</sup>: tive que lavar a roupa, estender a cama, despejar penico e lavar a casa. Todas essas histórias na volta de Pinheiro até os meus dez anos. Daí, mudei-me para a estância para peão-casa-carreteiro, uma espécie de lenhador faz-tudo.

Meus pais foram se avivando e fizeram um esforço para mudar de vida. Como vendíamos frutas e legumes e pães na cidade, pudemos comprar roupas e calçados. Quando achamos que tudo estava bom, chamaram-nos de volta. E lá se foram seu Nadico e dona Natália para cuidar da estância, mas superaram mais esta crise. E eu na volta deles, até que se estabilizaram e passaram a ser famosos, todos conheciam seus pães e suas comidas caseiras bem como seus serviços, pois eram sempre dedicados e cuidadosos.

E eu, por mais maroto, pensando em ser livre já fui debandando para os lados. Fui carretear, cortar lenha nos matos, carregar areia e pedra para as obras. Na minha mente estava faceiro pois já sabia determinar minha atenção para todas essas coisas. Viemos para zona urbana. Eu, mais velho, morando em casa e sempre no caminho sim senhor e não senhor. Como era empregado e ao mesmo tempo moleque tratava meus patrões como um empregado. Não era submissão, era respeito, até porque não era mais escravo para ser submisso.

Todas essas coisas fazem parte de uma vida sofrida, mas feliz. Por que se passavam os anos e a vida continuava com admiração e respeito por todos. E de todos uma vida de trabalho e liberdade e acontecimento da evolução do mundo que nos

---

<sup>3</sup> Pessoa que fazia serviços gerais.

cria e nos destrói, ainda mais para quem nasceu sem roupa e sem calçado.

Nesses poucos anos vi meus pais trabalharem desesperados, mas de nada servia. Quando se acalmaram, vieram corrigir os erros da vida. Meu pai dizia que quem nasceu para 1 de réis não chegará a vintém. Meu avô era rico, embora escravo, mandava na fazenda. O patrão confiava nele e antes de morrer deixou a fazenda de herança para o meu avô, que foi roubado pelos filhos do patrão que não aceitavam a vontade do pai. E meu avô como era escravo e humilde não quis discutir com os patrõeszinhos e tornou-se pobre novamente. Ao cabo, ficounos o ensinamento: honestidade e confiança. Meu avô era respeitado embora carregasse consigo a condição que a cor da pele lhe dera. Hoje entendo o que meu pai quis dizer com aquela frase: "Quem nasceu para ser pobre e subjugado o será sempre".

Mas quanto mais essas coisas aconteciam na vida de Nadico mais honestidade brilhava nos olhos dele, sempre lembrava que respeito era a felicidade do homem, ganha pela confiança e merecimento. E, porque contar a história de cada um deles era saber suportar uma vida de escravo; só mesmo a felicidade e o respeito nunca se abalaram.

Sinhô morreu e nunca mais se mandou na fazenda, era a famosa fazenda dos Barboza. E nós éramos tratados mesmo que animal, trocavam-nos por comida; Eu não me admiro, porque até hoje ainda vejo algo parecido como antigamente, ainda que os interesses sejam outros, na campanha o uso de negros como moeda era normal - de repente, lembro-me do passado mas não querendo ficar nesse passado deixo-o para trás. Temos que parar e corrigir nossos erros, vamos continuar vida nova. Cada tempo é um tempo diferente de trabalhar pela vida. Já viajamos pelos campos, pelas estâncias, já é hora de seguir nossa vida urbana.

Tudo moderno, mais fácil, novas oportunidades, surge o desenvolvimento, e a idade vem chegando para as novas técnicas e vai diminuindo a mão-de-obra e para nós idosos, que no tempo antigo éramos recomendados para o trabalho, fica cada vez mais difícil e desesperador os desafios.

És tu, Pinheiro Machado, terra de tanta beleza. Temos a

praça Angelino Goulart, bela e forte com suas árvores centenárias, a igreja Nossa Senhora da Luz, o Banco da província, a venda do Arno RatoCC, a venda do Jorge Simone, a farmácia Central do Juatino, o Clube Comercial, a loja dos Lobatos, o Cine Lux, a Prefeitura Municipal, a telefônica a dona Norina, a loja do Tufi, a loja do Celso Pereira, o Grupo Escolar Coronel Hipólito Ribeiro, a tua Avenida que nos leva para a eternidade. Tudo isso está dentro das quatro saídas e entradas de Pinheiro Machado; o salão da vila nova, o salão do seu Acácio, o salão do seu Quincas, a padaria Brito e Moinho, os médicos eram o Dr. Diogo, o Dr. Arnaldo S.B., o Dr. Martim; a barraca do Sante Alan, o ônibus à gás e oxigênio dos turcos, seu Ludovico e sua banda tocando nos domingos na praça, sua velha rural e sua exposição da pecuária em geral, a maçonaria dos Nogues, o banco Nacional, Serra da Aspresa, Serra do Veleda, Serra da Jaiba, Serra do Cerro Chato. Tudo isso está dentro das quatro saídas e entradas de Pinheiro Machado: a entrada de Pelotas, a entrada de Bagé, a entrada de Pedras Altas e a entrada de Cerro Chato.

O tempo hoje não traz mais moradia, a aventura foi tanta que acabaram na rua da esperança, todas essas histórias de trabalho em doce bolo e biscoito, leitão em casamento na campanha. Tudo por essas estradas cheias de poeira e buraco.

Tudo era dos coronéis. E era do mar que seu Macimieno chegava de casaco novo e nós não conseguíamos ser assim, encolhidos de frio, porque a vida nos separa talvez pela cor ou pela pobreza? Sempre com sentido de não esquecer da obrigação, de não deixar a porteira aberta e nem portas, e dar comida para os animais na parte da manhã e à tarde eu esperava que a gente fosse feliz mas meus pais já estavam acostumados com aquela vida.

O patrão era bom, até que um dia resolveu me empregar numa casa por três mil réis por mês aí que fiquei livre para andar: "Já sou gente vou comprar um par de tamancos, um chapéu de palha e uma cinta de couro. Já posso ir às carreiras." Lembrava que ainda faltava a bombacha no mundo infantil, num mundo cheio de ilusões não sabendo que a vida é cheia de altos e baixos, nuvens e ventos. Mas a vontade de crescer era maior que tudo: eu vou feliz para frente, andando e ouvindo meus pais

com atenção, e comigo pensava: o que eu faço para ter essa atenção, não sei ler nem escrever mas sei contar até dez. Mas assim passava o tempo. Eu sempre envergonhado por que usava calça curta.

Os dias passavam, foram embora as carretas e vieram os caminhões, estradas patroladas e o trem correndo pelas ferrovias. Foi novo sentimento. História é no Pinheiro Machado e ao redor nas canchas de carreira ou na Rua da exposição, onde meus pais eram carpeiros de arroz com galinha caipira e leitão assado; esses que eram Nadico e Natália eles foram o exemplo da minha vida, no trabalho uma confiança.

Crescendo, fui saindo da infantilidade, já era hora de contar ao mundo tudo que essa vida nós dá. Surpreso porque escrevendo eu encontrei várias idéias e o sentimento de pessoas novas e velhas - o amor dos velhos é mais suave, doce e sincero e dos jovens é repentino, sem ambição. Nasce um sorriso de dentro do coração, a hora é de cantar e contar para a juventude que nem sempre os coroas são descartáveis por que eles é que fazem a história, cercada de gelo e rugas na pele e cabelos brancos, trazendo nos braços a cruz da esperança.

Meu pai dizia que nós tínhamos que plantar para colher a luz da verdade. A gente pára nas noites frias cheias de estrelas, na beira do fogo, no galpão, só lembro que trocava a vida por batata e nos momentos de desespero o empregado ficava em dúvida se nos abrigava do frio, contrariando o patrão, ou não. Sem roupa de abrigo nem calçado, o vento soprava forte, os dentes batiam e arripiava o corpo. Esta é a felicidade que o pobre não vive, passa. Quem não passou por isso não vive mais.

O que devemos fazer é nos conformarmos, tocarmos a vida para frente, conforme vai passando o tempo, as estrelas desaparecem porque falta a vista. Eu fui crescendo e meu pai diminuindo, a memória vai levando as lembranças de guri mesmo não tendo infância - filho de pobre não tem infância. Fui padeiro, leiteiro, carroceiro, caseiro, até carvoeiro, oleiro e também domador, enfim, no trabalho da vida não tinha nenhuma que me faltasse. Recorri as estâncias, as minas de carvão na Hulha Negra, do trator a picareta, não me desesperei por todas as falhas que passei na vida dentro do município, no canto da esperança.

Parti para o exército, lá passei o meu tempo cumprindo a lei

de cidadão brasileiro: o que faço sem cultura, analfabeto sem eira nem beira? Brilha uma estrela no céu: chega um amigo!

– O que faz na volta de casa sem grande serviço para fazer – disse ele – vamos para Rio Grande!

– Por enquanto não posso, não tenho dinheiro - respondi. Ele me ofereceu mas não quis. Sim, eu não vou pensar, não há tempo para pensar. Saí de Pinheiro Machado às 7 da manhã. Eu não conhecia Rio Grande, foi lá por volta de 1947 em 7 de fevereiro, uma sexta-feira a chegada pelas 4 da tarde. Tudo era novidade, viajar um dia inteiro no trem e esse amigo me ensinando a vida na cidade e vendo os bondes andar ficava pensando: essas carretas têm corrido em cima dos trilhos, saindo fogo da cola em que eu trepo. Iria para a Linha Nova daqui a uma hora, carregava minha roupa num saco pois não tinha mala de viagem.

Foi facilímo de encontrar o endereço da casa da minha tia onde ficaria hospedado porque o dono da casa estava na porta olhando a chegada do trem. Eu e a tia não nos conhecíamos, a surpresa foi grande – ela tem um dente de ouro igual a minha mãe – eu não a conhecia como não conhecia a cidade, eu meio grosso e atropelado não me dei por perdido, o meu amigo viu que eu já tava me acomodando e foi embora sem esquecer o endereço. Entrando na casa da tia Alcina ela me apresentou a sua família e me colocou na volta de uma mesa - aí vem bomba! – cada um me fazendo pergunta, eu me dobrando de dor de barriga até que um deles me oferece a privada.

A tia Alcina disse que a cidade era boa mas que eu devia prestar atenção. Meu amigo me emprestou 100 mil réis, eu gastei 20 mil, o restante que sobrou a tia guardou para eu não perder nem me roubarem. Seguindo sua recomendação fui descansar num quarto de aluguel que a família havia reservado para mim em sua própria casa, fiquei pensando como seria a cidade. No outro dia, 8 de fevereiro de 1947, começava o carnaval. No dia seguinte fui ver como era a vida na cidade, saí em direção ao porto, logo que cheguei encontrei um conterrâneo que me perguntou o que fazia aqui.

– À procura de serviço? Vamos para a Swift! Chegando lá falamos com um cidadão chamado Vieira que educadamente me atendeu. Fiquei feliz por Rio Grande ter me dado todas

aquelas horas pela frente. Eu já era cidadão rio-grandino, trabalho num bom emprego, desempenho um cargo de confiança, o tempo foi passando e eu conhecendo o que era responsabilidade numa fábrica daquele porte. O meu capataz aconselhou-me a não me atrasar para que eu recebesse um prêmio; eu ainda era meio arisco.

– Este gringo tá me explorando! A tia Alcina me bajulava, ou seja, enquanto eu ganhava dinheiro e pagava em dia o quarto que ela me “emprestou” ela era boazinha. No fim de semana meu amigo me levava para passear pela cidade para que eu me adaptasse aos bailes e às festas, sempre lembrando da vida no campo, dos cantos dos pássaros, os cavalos, as vacas, o canto do galo, mas nada se faz sem esforço. No trabalho, uma grande diferença: ser mandado por mulher pra mim era difícil porque lá fora as mulheres eram para cuidar da casa e dos filhos, mas aos poucos e a gente vai se entendendo e vai admirando-as como colegas de serviço.

A primeira parte interessante da minha nova vida na cidade eu não esperava em ver que mudam as idéias sem nenhum grau. De mudar rapidamente para acompanhar a vida na cidade, mas para mim que faz uns quinze dias que cheguei aqui ainda meio zozzo com a correria do dia-a-dia, não é como lá fora. Lá a gente se guia pelo sol e aqui é pelo apito. Um apito aqui é como um raio de sol numa abelheira de manhã: o apito envolve a vida das pessoas na cidade, vem o primeiro apito, o segundo, e o bonde não vem e as pessoas se irritam, lá nós temos o sol e a sombra para nos orientarmos por que a atenção e a responsabilidade são a mesma, para quem trabalha à noite, troca a natureza de sua vida normal pela adaptação na cidade grande, é daí que eu fui admirando e marcando o que era no campo e na cidade: no primeiro tomar banho no arroio, no outro usar a privada, não ser liberto é ter que usar banheiro e chuveiro tudo fechado. Nova regra do jogo da vida da grande cidade.

Eu não me dei por perdido. Com pouca prática entrei nesse primeiro trabalho - valeu bem o esforço que fiz para seguir em frente, trabalhei cinco meses corridos sem feriados, os primeiros cinco dias recebi 190 mil réis! Era um bom dinheiro, deu para pagar o quarto que eu morava, deu para pagar o meu amigo,

daí para frente foi só para juntar, no fim de cinco meses eu não sabia o que fazer com tanto dinheiro. Quando terminou o meu contrato mandei fazer duas mudas de roupas no alfaiate, comprei dois pares de sapatos Anabela, roupa de cama, preparei-me como para casar, fui descansar. No outro dia fui fazer uma visita para minha família, levava uma mala cheia de presentes e o bolso cheio de dinheiro – tudo isso parece uma lenda, mas foi uma realidade. Toda essa história é verdadeira. No ano em que eu cheguei aqui, o bairro Getúlio Vargas era campo tomado de junco, desta data para cá é que se começou a construir casas. Todas essas novidades eu vi na minha chegada a Rio Grande.

Um Rio Grande que é grande mesmo na idade e no coração de cada rio-grandino onde eu tive a felicidade de trabalhar. Era o rio que reflete a imagem ao nascer e ao pôr-do-sol. Eu fui trabalhando e adorando o Rio Grande mesmo, cada vez mais. Daí, fui embora para fora com saudade da vida do campo e dos cantos dos pássaros, e correr campo a fora, uma vida selvagem mas divertida. Andando pelos campos lembrava do apito das fábricas. Morar aqui é bom, na cidade também, mas começou a faltar dinheiro - o que serve ter roupas, sapatos, andar belo e não ter dinheiro? É como um peso e duas medidas. Resolvi voltar, e não voltei para Rio Grande. Fui para Pelotas. Consegui trabalho como padeiro, morava na casa de um antigo patrão, mas não me dei por vencido: arrumei serviço na rede ferroviária. Não deu outra, eu tinha deixado a padaria.

Já de mala pronta de volta para Rio Grande de novo voltei na casa da tia e ela não me acolheu, mas portas se abriram e trabalho não faltou, aí mudou a minha vida. Comecei a ir aos bailes, fazer novas amizades e o Rio Grande me adotou de novo. Andei por toda a cidade, fui ao Prado, ao Bosque, ao Cassino e a Barra, tudo era novidade. Fui para a fonte de serviço, era forte e sadio e qualquer pegada me servia. O tempo passou, mais estabilizado arrumei namorada. Passou-se mais uns anos e inventei de casar. Antes de casar fui para um novo emprego na construção da Associação Rural, passei um bom tempo e depois fui para o Corpo de Bombeiro, voltei para prefeitura, trabalhei em todo o município. Passei o ano de um lado para o outro, quando foi dia me mandaram para o Taim trabalhar no meio da granja

do seu Alvari com trator, não me deram nada: nem casa para dormir e nem comida. Eu não sabia o que fazer, olho para o lado, terra, olho para o relógio eram 11 horas, eu fui embora. Levei 11 horas para voltar a pé, sem comida, deixei tudo atirado lá no meio do campo e no outro dia me apresentei ao serviço, o encarregado ficou surpreso ao me ver, correu para contar ao diretor que eu abandonei o serviço. Eu era calmo e humilde, mal encarado, não carregava medo, mandaram-me dizer que fosse falar com o prefeito. Fui embora, não voltei mais. Não era a minha moda não tirar o chapéu.

Agora vou voltar pra Maritima<sup>4</sup>. Lá estava ela me esperando cheia de serviço. Fui me entrosando com a turma de caminhoneiro de uma hora para outra. Surgiu uma vaga no porto, foi que veio a felicidade, mas sempre segui na Maritima. Na estiva fui caminhoneiro dos portugueses: o Juca e o velho Faria mais o Cardoso Dorvalini, Darci Miranda. Até de carroceiro vendi verdura na rua, por isso que adotei o Rio Grande por minha terra. Por vinte anos trabalhei como motorista de ônibus da Galga Negra, fui fundador da mesma por aqui, trabalhei nos Molhes da Barra quando as pedras chegavam de tambero de Capão do Leão, entre outras tantas novidades como ser político e trabalhar para políticos durante 40 anos quando nessa marmelada me envolvi não sei como. Não parei para pensar, mas cada vez aumenta mais minhas impressões. Não sei ler nem escrever, para manter essas idéias foi preciso recorrer à carteira de trabalho que reúne essas idéias, por isso é que não esquecemos onde trabalhamos, é a nossa história contar o que fizemos. Os anos passam e a idade vem chegando, passei a juntar novas histórias que poderia resumir numa palavra, mas com a felicidade que carrego, vejo e ouço, a história de cada dia que passa nos dá uma nova. Agora passemos para história de quarenta anos: fui atrás de trabalho na política a serviço dos políticos, ficava analisando que a honestidade não existia por isso é que digo na história foi Rio Grande que me adotou. Fiquei fascinado por ver que se tira proveito das políticas, me ensinaram a viver bem sempre com serviço para não depender deles. No começo era Dr. Brizola, Dr. Carlos Santos, Dr. Adílio Viana, Dr. Alberto Martim,

---

<sup>4</sup> Saída dos trens na Rua Barroso, próximo do Canal.

Dr. Alberto Pascoaline, Dr. Walter Troina, Dr. Lindalvo Monteiro, de todos eles eu fui cabo eleitoral e motorista, convivi com eles nos gabinetes, na Assembléia Legislativa do estado e daí para frente. Nesse intermédio trabalhava na oficina do Porto, nos Molhes da Barra por vinte anos, nos ônibus de todas as empresas e depois fui pecuarista por dez anos. No fim retornei novamente a política por mais seis anos onde trabalhei para Dr. Molinari, Dr. Luis Modernel e Dr. Gomes.

Tudo o que fiz foi em favor da cidade. Sou fundador da Benfica, trabalhei lá de 1979 até 1981, trabalhávamos com trinta ônibus por dia para Barra para firma Cristiano Niço. Fui também caminhoneiro e taxista. Trabalhei com o Darci Miranda, Dr. Miguel de Castro, seu Anorilino Melo nestes cinqüenta anos que moro nessa cidade rica e poderosa em frutos do mar e cebola. Quando eu não estava trabalhando ia pescar para sobreviver, não passava fome, comíamos peixe ensopado à cebola. Se não superarmos nossos problemas podemos perder a confiança em nós mesmos. Rio Grande ainda é Rio Grande embora, hoje, não haja mais fábricas e sim o serviço informal, os camelôs, os guardas-de-carros que não têm ponto na cidade. Rio Grande cada vez maior, os bairros cresceram, vi todos os lugares que trabalhei e hoje não posso entrar. Mas não importa. Não guardo remorso.

Nada mais que uma história. Hoje é que vejo como perdi tempo. Não acredito que eu vivi 78 anos para contar a história de uma lenda viva: eu. Vou tropeçando nos barrancos da vida quando a gente pára na luz da felicidade e vai vendo as novas desilusões.

Tivemos tantos projetos no ano 1999: o canaleta da 15 de novembro, a ponte da Ilha dos Marinheiros, as ruas asfaltadas, novamente o Rio Grande com a inovação do porto, associação dos bairros, a gente passa por transformações na história da vida. Eu cresci sem noção, de repente era uma sombra que estava do meu lado. Agora fico pensando como tudo isso passou por uma adaptação e uma renovação de idéias: em lugar de uma fábrica, um supermercado, terminando com a alegria de seus dois mil funcionários. Que fez-se daquelas letras grandes onde ficou desenhado "T"? Por esse caminho foi a estação férrea e a fábrica Rheingantz. As lembranças foram um patrimônio destruído e

aqueles imensos casarões numa hora viraram o cinturão de miséria de Rio Grande. Nosso Rio Grande é grande mesmo, já fui na Barra, na Querência, no Parque São Pedro e no Jardim do Sol também, no Parque Marinha, na Vila Santa Tereza. Como poderia dar o nome dessa lenda que passa na vida? É um lugar de admiração e hoje serve de patrimônio histórico que se destrói pelas intempéries.

Agora vamos fazer um resumo de uma história de 78 anos de vida: não é de lembrar que sei da história, é de viver no dia-a-dia, cada hora que passa surgem novas idéias. Eu paro e fico a pensar, não entendo mais, vou contando a minha história e me distraíndo, quando me dei conta já estava no ano de dois mil e dois, tudo de bom! Passei a trabalhar com o povo vendo a miséria numa parte e a ganância em cima da infelicidade, estamos na era do desespero e por causa do dinheiro, para sobreviver em paz, é preciso trabalhar com dignidade mesmo que pobres, só assim seremos capazes de remover montanhas sem ferir quem quer que seja por que o sentimento da vida é o mesmo: não podemos julgar os outros sem refletir a nossa própria imagem, para ser sincero temos que ver e ouvir que a vida tem ilusões.

Voltei para dar seguimento à minha história, eu já sou forte no dia em que completei setenta e sete anos fui agraciado com a presidência de uma associação de bairros que tem setecentas e cinqüenta moradias, avaliávamos três pessoas por moradia mas nada me incomodava, na vida tudo é alegria. Não esperava ser agraciado por esta novidade, foi por isso que Rio Grande me adotou e eu ele, vou tentar fazer o possível para administrar a altura dentro do tempo que me deram com orgulho e respeito.

Novos tempos estão chegando e eu nem sei mais o que vou escrever, tem muita novidade porque cada dia que passa surgem inovações e na mesma hora a destruição. Hoje temos pouca liberdade comparando com antigamente, ficamos agora na sombra olhando pelo buraco da fechadura. O Rio Grande mudou? - eu me pergunto. O Rio Grande cresceu em população mas assim mesmo prefiro aqui, cantando, dançando, chorando porque o rio é mesmo grande, acalenta centenas e milhares de pessoas de todas as partes do mundo. Adorava trabalhar, almoçava pão e vinho. E o tempo foi passando e fui entendendo como a vida era. Muito trabalho, hora para refeição, as pessoas

de diferentes raças e credos religiosos, o que me faz pensar que aqui é refugio das línguas estrangeiras - cito isto porque Rio Grande é o segundo porto do Brasil em movimentação de cargas. É a minha história que vou contando porque faz parte do meu andamento. Por aqui eu vi navios - meu pai me dizia que tinha navio da altura de um edifício - através desses navios é que gira a humanidade, era como o trem quando passava e apitava, a gente dizia: são três horas da tarde, eram quatro. Nós morávamos na Serra, na beira da linha da R.F.F.S.A., tudo era de pedra. Já era hora de contar a minha versão e de apresentar minha família:

Tenho uma esposa com setenta e três anos, um casal de filhos, um genro e três netos e eu que levo a história aos setenta e oito anos.

E também gostaria de apresentar algumas de minhas professoras na qual tive e tenho o prazer de aprender mais um pouco, são elas a Lilliane, Márcia, Sabrina, Regina e Tereza.

‘Nunca pensei que algum dia meu pai fosse escrever um livro, fiquei orgulhosa. Com a idade que ele tem lembrou-se de muitas coisas que passaram em sua vida. Nós, sua família, esposa, filhos, genros e netos o parabenizamos, com orgulho por este ideal que se concretizou. Parabéns’.

Meus amigos leitores, tentei fazer um livro para ficar na história, é mais a idéia de um velho para passar o tempo porque na vida não tive dinheiro para viajar, mesmo assim sou feliz nesta vida tudo que a gente faz de bom traz felicidade, tive um dia minhas terras, não possuo inimigos, por onde passo deixo amigos por isso é que eu digo: até lá’.

Carlos Ávila Oliveira

